EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO FORTALECIMENTO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS

Eixo 3 – Educação e Políticas Educacionais

Flávia Martinez Ortiz[1]
Ramon Perucci Roberto[2]
Graziela dos Anjos Melo Rocha[3]
Adriano de Oliveira Gianotto[4]

Resumo
A educação bilíngue de surdos constitui um direito linguístico e educacional assegurado pela legislação brasileira, tendo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e a língua portuguesa escrita como segunda língua. Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre práticas pedagógicas desenvolvidas com estudantes surdos no contexto da educação bilíngue. O objetivo é refletir sobre a contribuição dessas práticas para a aprendizagem, o fortalecimento da identidade surda e a efetivação das políticas educacionais. A pesquisa possui abordagem qualitativa, fundamentada na experiência docente e em revisão bibliográfica. Os resultados evidenciam que metodologias visuais, narrativas em Libras e recursos acessíveis favorecem a participação dos estudantes, ampliam o processo de ensino e aprendizagem e fortalecem uma educação inclusiva, bilíngue e culturalmente sensível.

Palavras-chave: Educação Bilíngue; Educação de Surdos; Libras; Políticas Educacionais; Relato de Experiência.

Link do vídeo: REL: Educação bilíngue de surdos: relato de experiência no fortalecimento das políticas educacionais

Relato de experiência: acessibilidade linguística, protagonismo e pertencimento do estudante surdo no contexto escolar

Este relato de experiência apresenta vivências e intervenções realizadas em uma unidade escolar, denominada Escola Estadual Alberto, a partir do acompanhamento de um estudante surdo de 13 anos de idade, matriculado no 7º ano do Ensino Fundamental. Durante minha presença e acompanhamento na unidade escolar, foi possível perceber que, ao longo da trajetória educacional desse estudante, havia a necessidade de desenvolver intervenções junto à comunidade escolar, especialmente relacionadas à acessibilidade linguística, à compreensão da identidade surda, ao protagonismo do estudante e ao seu sentimento de pertencimento dentro daquele espaço.

No contexto da sala de aula, o estudante conta com o professor regente, o professor de apoio e o professor tradutor e intérprete de Libras, responsável por acompanhar o estudante e promover a

[1] Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Bilíngue de Surdos pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e-mail: flaviamartinezm@gmail.com.
[2] Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Bilíngue de Surdos pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e-mail: ramonperuccii@gmail.com.
[3] Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Bilíngue de Surdos pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e-mail: grazyrocha1980@gmail.com.
[4] Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: adriano.gianotto@ufms.br.

acessibilidade linguística durante as aulas. O professor regente desenvolve os conteúdos, predominantemente, por meio da modalidade oral da língua portuguesa, enquanto o tradutor e intérprete realiza a mediação linguística entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Entretanto, observou-se que a simples presença do intérprete em sala de aula não garante, por si só, a compreensão efetiva dos conteúdos pelo estudante surdo. Para que a acessibilidade linguística aconteça de forma significativa, é fundamental que o professor tradutor e intérprete tenha acesso prévio ao planejamento do professor regente. Dessa forma, torna-se possível antecipar conteúdos, identificar vocabulários novos, preparar recursos visuais e organizar estratégias que contribuam para a compreensão dos conceitos que serão trabalhados.

Nesse processo, a Libras, enquanto primeira língua (L1) do estudante surdo, possui um papel fundamental. Antes de trabalhar determinados conteúdos em Língua Portuguesa, é necessário que o estudante tenha acesso aos conceitos e significados por meio de sua língua natural, a Libras. Assim, os vocabulários novos podem ser apresentados, contextualizados e explicados visualmente, permitindo que o estudante compreenda os conceitos de forma significativa. Posteriormente, esses conhecimentos podem ser relacionados à Língua Portuguesa, compreendida nesse contexto como segunda língua (L2), por meio de textos, palavras, expressões e diferentes construções linguísticas. Esse processo favorece a construção do bilinguismo e possibilita que o estudante desenvolva sua aprendizagem respeitando suas especificidades linguísticas.

Também foi percebida a importância da articulação entre os profissionais envolvidos no processo educacional. O professor de apoio e o professor tradutor e intérprete precisam atuar como mediadores, dialogando com o professor regente sempre que necessário, para que os conteúdos sejam apresentados de maneira clara e acessível. Essa parceria é fundamental para evitar prejuízos no processo de aprendizagem do estudante surdo e para garantir uma adequada transposição linguística e pedagógica dos conteúdos. Ao longo do acompanhamento, observou-se que o estudante foi, gradativamente, adaptando-se às dinâmicas da unidade escolar. Entretanto, a escola possui uma organização cívico-militar, com regras e comandos bastante específicos e rígidos. Nesse contexto, foi identificado que o estudante surdo não estava recebendo todas as informações necessárias para compreender plenamente as regras, os comandos e as rotinas da instituição.

Além disso, percebeu-se que parte da comunidade escolar ainda possuía pouco conhecimento sobre a pessoa surda, a cultura surda, a identidade surda e as especificidades da aprendizagem visual. Diante dessa realidade, foram realizadas intervenções junto à coordenação e à direção da escola. Como pessoa surda e técnica do CAS, tive a oportunidade de dialogar com a equipe escolar sobre a importância de compreender que a pessoa surda possui uma experiência visual de aprendizagem e interação com o mundo. Foi explicado que, para que o estudante pudesse compreender os comandos utilizados durante os momentos de formação e outras atividades da rotina escolar, seria necessário utilizar estratégias visuais e modelos que possibilitassem a compreensão das informações. A acessibilidade não poderia estar restrita apenas à sala de aula, mas deveria estar presente em todos os espaços e momentos da vida escolar. Outro aspecto identificado foi a ausência de sinalização acessível nos diferentes ambientes da escola. Não havia recursos visuais em Libras que identificassem, por exemplo, a sala de aula, os banheiros e outros espaços importantes da unidade escolar.

A partir dessa necessidade, foi proposta a organização de placas informativas e visuais em Libras para identificar os ambientes escolares. A direção e a coordenação compreenderam a importância dessa proposta e acolheram a iniciativa.

Um aspecto especialmente significativo dessa experiência foi a decisão de dar protagonismo ao próprio estudante. Foram realizadas fotografias do estudante produzindo os sinais em Libras, e essas imagens foram utilizadas na elaboração das placas de sinalização da escola. Essa ação possibilitou que a acessibilidade fosse construída com a participação direta do estudante, valorizando

sua identidade, sua língua e sua presença dentro daquele espaço. Além de tornar os ambientes mais acessíveis, a iniciativa proporcionou maior autonomia e visibilidade ao estudante surdo.

Posteriormente, no mês de abril, a escola também teve a oportunidade de desenvolver ações relacionadas à Libras e à comunidade surda, especialmente em referência ao dia 24 de abril, data de grande importância para a comunidade surda brasileira por estar relacionada ao reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais.

Foi realizada uma palestra junto à comunidade escolar, abordando questões relacionadas à Libras, à identidade surda, à importância do respeito às diferenças linguísticas e ao reconhecimento da Libras como língua da comunidade surda.

Esse momento proporcionou uma interação muito significativa entre os profissionais, os estudantes e a comunidade escolar. A palestra possibilitou ampliar conhecimentos e reflexões sobre a pessoa surda e sobre a importância da acessibilidade linguística.

Após essas intervenções, foi possível perceber mudanças importantes na participação e no pertencimento do estudante dentro da unidade escolar. Um estudante que anteriormente possuía pouca visibilidade começou a ser mais reconhecido, acolhido e incluído nas diferentes atividades da escola.

Nos momentos de trabalho em grupo, passou a participar com maior autonomia. Sua presença começou a ser compreendida como parte integrante da comunidade escolar, e não apenas como a presença de um estudante que necessitava de um profissional para traduzir as informações. Também foram realizadas orientações específicas relacionadas aos momentos de formação e organização das filas. Considerando que o estudante surdo possui uma experiência predominantemente visual, foi orientado que ele permanecesse em uma posição que favorecesse a visualização dos comandos e movimentos realizados. Dessa forma, poderia acompanhar melhor as orientações e, gradativamente, compreender a dinâmica desses momentos.

Essa experiência demonstrou que a inclusão da pessoa surda não acontece apenas com a matrícula ou com a presença de um professor tradutor e intérprete de Libras. A verdadeira inclusão exige planejamento, conhecimento, acessibilidade linguística, recursos visuais, diálogo entre os profissionais e, principalmente, o reconhecimento da pessoa surda como sujeito pertencente àquele espaço. As intervenções realizadas evidenciaram também a importância da Libras como primeira língua (L1) e da Língua Portuguesa como segunda língua (L2) no processo educacional do estudante surdo. Para que o bilinguismo aconteça de forma efetiva, é necessário realizar sondagens constantes sobre o desenvolvimento e a aprendizagem do estudante, identificando suas necessidades e elaborando estratégias que contribuam para seu avanço.

A experiência vivenciada na Escola Estadual Alberto permitiu compreender que pequenas mudanças podem produzir grandes transformações na trajetória escolar de um estudante surdo. Quando a comunidade escolar passa a conhecer a Libras, compreender a identidade surda e reconhecer a importância da acessibilidade linguística, cria-se um ambiente mais inclusivo, participativo e respeitoso. Como reflexão final, considero que essa experiência demonstra a importância de dar visibilidade e protagonismo à pessoa surda e à Língua Brasileira de Sinais. Muitas unidades escolares ainda não possuem referências, modelos ou conhecimentos suficientes sobre como promover uma educação linguisticamente acessível para estudantes surdos.

Por esse motivo, compartilhar relatos de experiências como este torna-se fundamental. Essas vivências podem contribuir para que coordenadores, professores, gestores e outras unidades escolares reflitam sobre suas práticas e compreendam que a pessoa surda precisa ser reconhecida como pertencente à comunidade escolar. Garantir a presença da Libras, promover a acessibilidade linguística, utilizar estratégias visuais e valorizar o protagonismo da pessoa surda são ações essenciais para que a inclusão aconteça de forma efetiva. Mais do que adaptar o estudante à escola, é necessário transformar a escola para que ela reconheça, respeite e acolha as diferenças linguísticas e culturais presentes em sua comunidade.

Assim, esta experiência reforça que a educação de estudantes surdos precisa estar fundamentada no respeito à sua língua, à sua identidade e à sua forma visual de compreender o mundo, garantindo não apenas o acesso à escola, mas também a participação, a aprendizagem, a autonomia e o verdadeiro sentimento de pertencimento.

Figura 1 – Escola Estadual Alberto.



Fonte: Autoria própria, 2026.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de Herança**: Língua Brasileira de Sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.